



© Nascimento de Jesus

Quadro de E. Ravel

Reprodução de Rebello Junior

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes) .	1\$200
» » (3 mezes) .	600

À cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despesas.

Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Numero avulso	60

Numero 78

Braga, 26 de dezembro de 1914

Anno II

Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47, Rua da Fabrica, 49 — PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas
e todos os mais artigos e aprestos religiosos.
Execução de encommendas para as Provincias,
Ilhas, Ultramar e Brazil.

PREÇOS E TODAS AS INFORMAÇÕES

Pereira d'Abreu, Filhos

SUCCESSOR

José da Silva Franca

CALLOS SÓ OS TEM QUEM OS QUER!

O **Callicida Dias** faz cair os callos por mais antigos que sejam. É a melhor descoberta da actualidade porque os tira pela raiz.

Preço, pelo correio, 25 centavos. Restitue-se o dinheiro a quem provar a fallibilidade.

Pedidos a Manuel Joaquim Dias — VERMOIM — FAMALICÃO.



Sementes

de hortaliças, flôres, arvoredos, cereaes,
pastos, etc.

Pedidos de catalogos a:

Alfredo Carneiro de Vasconcellos & Filhos

105, Rua de S. João, 111 — PORTO

Minho-Pio do Clero Secular Portuguez

Utilissima associação de beneficencia para todo o clero

Distribue subsidios por occasião de doença, suspensão, prisão e falta de collocação.

Para esclarecimentos dirigir

EM LISBOA

ao presidente da direcção Mgr. Alfredo Elviro dos Santos, Avenida Fontes Pereira de Mello, 41;

EM BRAGA

ao Padre Antonio José de Carvalho, Rua de Santa Margarida, 9.

BROTÉRIA

O preço da assignatura annual na administração do ECHOS DO MINHO é de 1\$500 réis.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 26 de dezembro de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 78—Anno II



O Nascimento de Christo

Quadro de Carlos Marrati

(1625—1713)

Chronica da Semana

LXXVII

Natal vermelho

O disco rubro do sol-poente, patena de oiro desbordando sangue, sob o pallio azul-esmaecido do céu, veiu poisar sobre as montanhas, como um lampadario antigo, illuminando a noite santa do Natal que passa...

E os meus labios de moço repetem tristemente:—Natal! Natal vermelho!...

Natal! festa de dôr, este anno celebrada nos campos de batalha, sobre a neve algente do inverno rude, entre os responsos barbaros do vento e o crucito bestial dos corvos!

Para lá, para lá, para as trincheiras, vallas onde, sobre o severo aço das espadas, o *lobo humano* escabuja de colera, partem, como revoada de preces, os olhares de todos nós, luzindo o brilho triste das almas a chorarem pelos que foram morrer—e não tornaram nem tornarão jamais!...

Vêde commigo:—o disco rubro do sol-poente, patena de oiro desbordando sangue, lá continúa, como um lampadario antigo, illuminando a noite santa do Natal que passa!

E assim curvada sobre a propria dôr, cobrindo a face no seu negro véo de grande tragica, a humanidade inteira ficaria condemnada a finir-se abraçada á desesperança das saudades sem fim,—se na treva a que ella chama já a sua bôa confidente, subito não se abrisse para seu conforto um lindo portico florido de corollas de oiro, e ao largo, no pendor suave das collinas, o tanger brando dos campanarios dispersos lhe não contasse, mansamente, que a morte é por excellencia a madrugada suprema, muitas vezes a resurreição das patrias, a aurora e a manhã de tudo, o Natal da eternidade!...

E' n'estas horas de drama que melhor sentimos a doçura sobrenatural e candida que nos vem da pequenina palayra Natal. E' n'estas horas em que a realidade historica nos mostra espectaculos mais tragicos do que a ficção sugere, que nós pensamos bem quanta paz christã encerram, palpitantes como vôos tremulos de pennugens ou flócos de

neve cahindo nós braços d'uma cruz, aquellas duas syllabas de crystal!

Não conturbam, encorajam. Fazem esperar, soffrer e recordar.

Quando esta noite tiver desenrolado os seus longos velludos de silencio e de calma,— quantos dos que andam desafiando a morte, entre silvos de balas, não reencontrarão pela estrada branca da saudade um velho retrato de suas mães, do tempo em que ellas, junto dos seus berços, vinham accender-lhes, n'um beijo sobre a fronte, o alto cirio azul dos sonhos lindos!

Quantos não tornarão a ouvir no mysterio das suas lembranças, o sino da sua aldeia, quando a luz já andava ás apalpadellas, tonfinha, no immenso palacio da noite!

Quantos não tornarão a vêr as lentas sombras dos fieis sahindo, aqui e além, de suas casas para a missa da meia noite,— e as moças do seu tempo cantando innocentes canticos que, subindo para o céu, pareciam de lá vir descendo pouco a pouco...

E depois, meus amigos, quem saberá descrever a angustia das suas preces A'quella pequenina creança que no presepio sorri, braços abertos, para o immenso desconhecido que rodeia este Natal de dôr, ensinando a paz que os homens engeitaram?!

Paz christã... Outr'ora havia uma moral da guerra e o Vigario de Jesus na terra intervinha como potencia espiritual e desinteressada para arbitrar nas luctas do mundo. Hoje, a força domina o direito e tornou-se regra dos tratados. O fragil concerto europeu substituiu a christandade.

E tudo estremece então de temor, porque tudo recorda que o *Principe da Paz* é tambem o Deus dos exercitos que purifica as nações no cadinho das guerras...

Olhae:— o disco rubro do sol-poente, patena de oiro desbordando sangue sob o pallio azul esmaecido do céu, veio poisar sobre as montanhas, como um lampadario antigo, illuminando a noite santa do Natal que passa.

Natal! Natal vermelho...

F. V.

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

(Interregno)

ESCREVER para o mundo quando nada se sabe do mundo, articular um drama, criticar um successo, desvendar um mysterio quando até nós não chega o echo longinquo do successo, o ruido do drama, a impressão do mysterio é impossivel e das duas uma:— ou se cahe no subjectivismo da lamuria pessoal, com que o mundo nada tem ou se abraça a phantasia sempre fertil e acolhedora e por ahi se vae, sonho em fôra, romanticando, sorrindo, a arrancar das recordações o que ellas tenham d'inedito e a cobrir dos sonhos, o que elles tenham de conhecido.

Ha ainda, o eterno recurso da paisagem, a melancholia eterna dos poentes, a aguarella simples e illuminada do amanhecer, a musica commovida

das fontes, a voz philosophica das arvores velhas, que o vento espalha e divulga pela campina adormecida. Póde o espirito descer ao coração e ás ruas, para desenterrar um caso, resuscitar um typo, engrena-lo na dramatisação mais ou menos facil d'uma chronica, que ha de sempre faltar a nota palpitante de vida que o anime, aos olhos indifferentes da multidão.



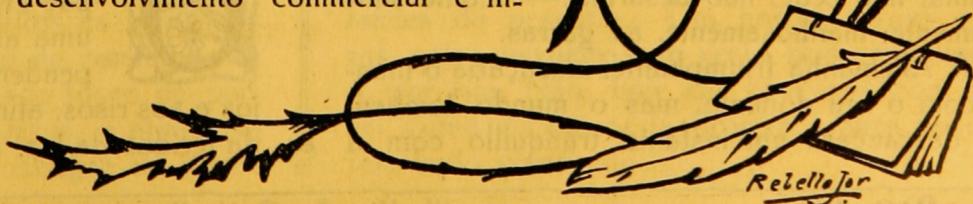
CAMINHA — Grupo infantil de Santa Cecilia que tem executado lindos canticos religiosos na igreja matriz

(Clichê do rev. Domingos dos Anjos Amorim)

Assim, o espirito abandona-se á phantasia e com ella, subindo livre e contente, imagina o termo longinquo d'essa lueta horrosa, que ha mezes traz a Europa afogada em sangue e o mundo alagado de inquietações, de receios... e nas azas da phantasia, enxerga distante, no horizonte incerto do destino, entre escombros de cathedraes e de cabanas, entre cadaveres e canhões inuteis, a aguia imperial esmagada, ferida, n'uma agonia theatral, mal segurando nas garras enclavinadas d'odio, o orgulho teutonico humilhado, espesinhado, vencido!

E', afinal, a paz para o mundo ou a tregua disfarçada a açular novos interesses, a estimular nova rapina?

Sobre as ruinas d'essa nação laboriosa, que se engrandeceu, progrediu, á custa do esforço proprio, que teve talvez a velleidade embriagadora, de querer impor ao mundo o seu dominio mas que ao mundo deu, tambem, os beneficios indiscutiveis do seu progresso, as vantagens economicas do seu desenvolvimento commercial e in-



dustrial, virá, enfim, a tranquillidade que se ambiciona?

Vae lograr-se, afinal, a tregua compensadora do trabalho, do desenvolvimento,—o sonho admiravel dos pacifistas—para que o mundo inteiro, descansado, desarmado, feliz, possa, livre de bellicas visões ameaçadoras, voltar-se decididamente para os seus interesses, invertendo os milhões d'explosivos e de canhões, que a

sua ruina porque a morte do imperialismo allemão é o germen do triumpho do imperialismo inglez...

Pura phantasia!... Mas a phantasia ás vezes sempre tem coisas!

Paço Episcopal,
14—XII—914.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



O PRESEPIO—Reprodução de um formoso presepio construido na officina de esculptura de Pereira d'Abreu, Filho, Successor, do Porto

visão negra da guerra absorve, para a terra, para os canaes, para as officinas?

Mas longe, longe, o espirito encantado, seduzido por este sonho admiravel, enxergou ainda, a figura sinistra, horrorosa, da guerra apavorando o futuro, porque infelizmente odienta, feroz, como o tigre traiçoeiro da fabula, ella não acalma, não cede, não desarma:—encolhe simplesmente, manhosamente, as garras.

A Allemanha triumphante, ameaçaria o mundo com o seu dominio, mas o mundo tambem não descançará um instante tranquillo com a

De longe!...

(Conto do Natal)

∞∞



pae chegára já de noite a casa. Foi uma alegria! Os dois pequenos suspenderam-se-lhe do pescoço, aos beijos e aos risos, atirando-lhe sobre os olhos, ainda feridos da luz, a revoada dos cabellos loiros.

A um canto, a avósinha, sorria, depondo a costura no largo avental de riscado azul. A esposa veio depois, faces carminadas, reentregar-lhe o beijo que elle lhe déra pela manhã, ao partir para a pesca.

Deixae-me! Deixae-me, meus filhos! que vos molhaes todos. Venho encharcado . . .

E atirando para um canto o chapéu de lona, foi despir camisola, tamancos, tudo, que afinal e com effeito chegára n'uma sôpa . . .

a pôr na péquenina paisagem a nota viva das arvores em flôr . . .

É a avósinha lançava-lhes de novo a caricia branda d'aquelles sorrisos que na velhice resumbram saudade de idos tempos de outro lar, e esperanças, muitas esperanças a illuminar-lhe o poente da vida, decrescendo . . .

—Ora foi assim? não foi, avósinha?

O pae tracejou, na lingua rude dos mariti-



A VESPERA DE NATAL NA BRETANHA—Emquanto a mãe prepara a ceia os pequenos collocam os soccos perto do forno esperando vê-los cheios de abundantes brinquedos

. . . A ceia do Natal findou. Durante ella, os pequenos fizeram a animação, gárrulos como pardaes recontando em gritos as brincadeiras do dia, um presepio feito de conchinhas e areia no quintal, com um boneco tôsko de porcelana a servir de Menino Jesus, e algas em tufo, todas vermelhas como sangue de rosas,

mos, com interjeições frequentes a ralar-lhe a garganta irritada do fumo e da aguardente, os lances da pescaria.—Um horror! Horas e horas entre nevoeiro, um vento dos demonios, é o mar riço. Não, hoje elle não anda bom nem sei como os outros lá ficáram... para apanharem tanto como isto . . .

E mostrava a ponta do indicador, n'um gesto de mesquinaria.

E assim passou o tempo. Mas no fim da ceia, quando as cabecitas loiras dos pequenos começavam já de pender sobre a toalha, um grande silencio de recordações veio cahindo, e os olhos de todos perdiam-se ao alto a fitar visões acordadas, ou fechavam-se a revêr na alma as rugas que a vida lá costuma deixar como uma esteira funda, bem lavrada, sobre o longo campo glauco do mar inquieto...

Pelas rexas estreitas das janellas a ventania silvava e do negrume do céu e do negru-

—Mamã, na noite de Natal, o mar não devia sêr tão máu, ora não? Faz mêdo...

—Não tem mal, minha filha, descansa.

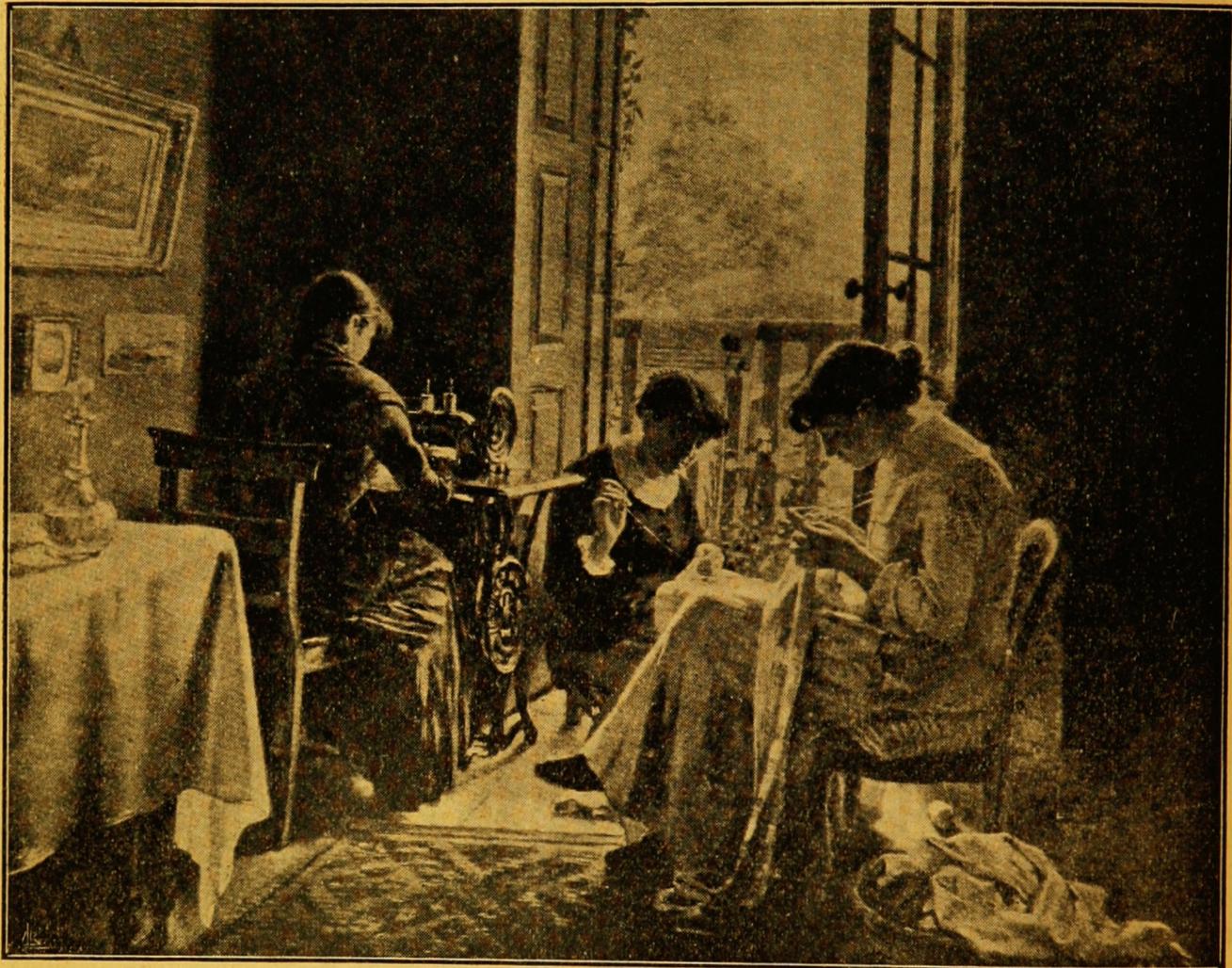
É o pequeno:

O vento assim estraga-me o presepio, mamã...

De novo o silencio pezou mais. Apenas, um murmurio de orações nos labios da avózinha.

Foi então que o pae, erguendo o busto forte, fez a surpresa.

—Sabem?... Uma carta do nosso Manuel!



ENTRE O ALMOÇO E O JANTAR—(Quadro de Marques de Oliveira)

me do oceano vinha um rumor bravo de litanias barbaras, ullulante, em que se distinguiam casquinadas, sussurros, e explosões de coleras gigantescas e gemidos de zimbros a retorcerem-se sobre a areia em fustigadas. Ha noites assim, horrendas, á beira-mar.

Um dos pequenos perguntou:

—Mamã, quem é que está a chorar lá fóra?

—Não é ninguém, meu filho, é o vento e o mar...

O vento fazia de novo ringir as vigas do tecto, como o arcaboço d'um monstro a estallar, e ouviam-se na mysteriosa amplidão da noite funda, gritos lancinantes de gaviotas, fugindo...

—O Nél escreveu, papá? Ora diga, ora diga, papá!—clamaram as creanças pondo-se de joelhos nas cadeiras, enquanto sua mãe enxugava uma lagrima.

E o pae começou lendo a carta. Vinha saudosa e maguada, do mar alto, a bordo do *Alcyão*, um velleiro de causar invejas aos melhores vapores. Contava os pesadêlos d'aquella vida errante de marinheiro, os longos dias de tédio quando entre nevoas densissimas, o peixe faltava, as noites de insomnia e de febre acurrulado nas quatro taboas do leito no beliche sem luz, passando a noite a ouvir o marulho das vagas galgando a prôa e os brados do commandante.

Depois, vinham as perguntas, aquella cu-

riosa e santa impertinencia em que a saudade de quem anda longe se transfunde, inquirindo dos paes, da avósinha e dos irmãos. Que muito se tinha lembrado d'elles, dos seus irmãosinhos, e lhes havia de levar n'um dia de Natal, muitas prendas quando voltasse, já homem feito, a ajudar o seu pae velhinho, para não ter de andar dias inteiros na tortura aborrecida das pescarias...

E aqui terminava a carta.

De subito, o vento e a tormenta redobravam.

Por espaço de meia hora o céu pareceu abrir-se e o mar, alli ao pé, desesperava de furias, n'um rugido tremendo de pragas. Lá fóra a escuridão era completa. Apenas de vez em quando, do lado do mar, de norte a sul, desenrolava-se a renda branca das espumas no dorso negro d'uma onda, a rolar para a praia côr de cinza.

Mas dentro em breve, tudo se aquietou como por encanto. Nuvens velocissimas corriam no céu a espairecer.

—Ah! anda vêr, anda vêr, que lindo — dizia o pequeno para a irmã, quasi a cahir com somno, apontando a lua que vinha a surgir sobre o mar, desembuscando-se d'umas nuvens para logo ir contar a outras as nênias dolentes da sua melancholia espectral.

E travando do braço á irmã, levou-a, pé ante pé, ao quintal, banhado de luar.

Pararam ambos em frente do presepio.

—Olha, e se nós rezassemos ao Menino Jesus pelo nosso *Nel?* Queres?

E muito junctos n'um só abraço, erguidas as mãos, alli começaram uma Ave-Maria áquelle Menino Deus tosco e molhado, deitado na areia, sob os tufos das algas, rubras como os seus labios.

E o mar, perto, rezava baixinho com elles pelas victimas que tragára n'aquella noite, entre quaes o *Alcyão*, aquelle velheiro de causar invejas aos melhores vapores em que Manuel andára penando saudades e acalentando esperanças de n'um dia de Natal—quando ninguem suppuzesse—vir trazer aos seus irmãosinhos lindas prendas, compradas com as primeiras moedas do seu triste labor de marinheiro!...

F. D'ALMEIRIM.



MATERNIDADE—(Quadro de Roll)

RISCOS...



ARDE de inverno. O vento a silvar, a retorcer, gemendo, os zimbros sobre a areia da praia, e na peneia barbara, o mar precipitando-se, n'um arranco de assaltante, a uivar... Longamente, a distancia, pelas rexas do céu plumbeo côam-se fios rubros de sol ensanguentado, e sobre o rumor gigante e surdo das vagas inquietas, rasga

o cinzento plumbeo do céu, a dilacerante angustia dos gritos das gaivotas...

Tarde de inverno. Por aqui, por além desgrenham-se cabelleiras d'algas, como se um corpo de mulher da alvura dos frouxeis d'espuma, estivesse mergulhado n'agua e deixasse a seccar as tranças, verde-glaucos, no *boudoir* immenso das areias limpas e enxutas!...

Fitei de repente os lendarios castellos da penedia—furias do mar enrijescidas—e vi um vulto sentado. Um velho. Os velhos é que sabem conversar com o mar, e o mar ouve-os tão bem!...

Tinha um rude perfil de nauta invalidado para os combates titanicos das viagens sem fim,

Faz-se um grande silencio... O mar reza recolhido, talvez pelas creanças que morreram afogadas e dormem n'um bercinho de oiro nos esplendidos palacios do seu profundo seio.

O mar é um cemiterio. Quando ha luar as almas das creanças afogadas, vêm á flôr das espumas, rebrilhando de prata, para fitarem as estrellas do céu que as está chamando...

—Que faz além aquelle velho? perguntei a uma rapariguinha que recolhia as rédes...

—Chora, senhor, morreu-lhe hontem um filhinho de seis annos.

FRANZ.



MARGENS DO RIO VIZELLA—(Quadro de Marques d'Oliveira)

e para as interminaveis horas das pescarias. Olhos pequenos de golfinho luzindo um brilho d'escamas ao sol.

Entre a curva do nariz, e o queixo abafado por uma estriga de barbicacho rareado, um traço voluntarioso dominava...

As sombras adensam-se, desenrolam-se tristemente, lugubrememente, na abobada baixa do céu... Já das bandas do mar tudo é negrume, riscado apenas de lado a lado, pela fita alva-centa das espumas, aljofrando a praia côr de cinza.

Tangem de terra, na encosta longinqua, badaladas longas como a eternidade. Ouve-se uma voz a cantar maguada, a distancia, a elegiaca saudade pelos que foram e não tornaram mais...

A vida do jornaleiro

(Continuado do n.º 75)



COMO elle, porém, era rapaz de feição, tratavel e sobretudo honesto, os lavradores davam-lhe durante os tres mezes de inverno as cabras a guardar. Mas, que miseravel renda a que elle cobrava por este officio nada convidativo nem agradavel de pegureiro! Dois vintens seccos, com a aggravante de estar todo o santo dia apartado das suas duas creancinhas!

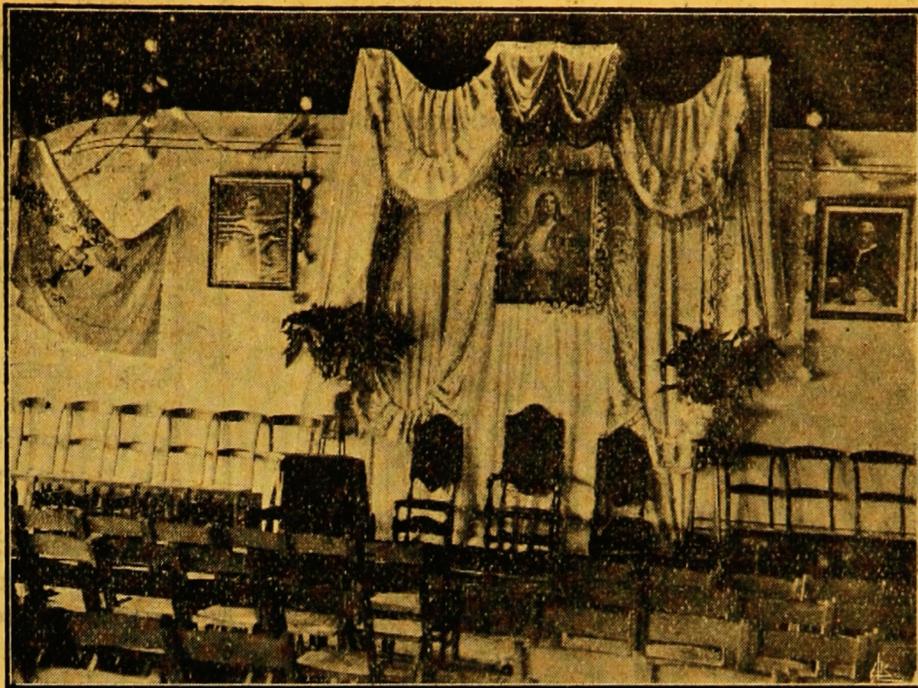
Nos primeiros dias de novembro João sentia-se vencido. Eram estreitos demais seus hombros para semelhante carga. Via-se na necessidade de arrear, de lhe tirar ao pezo, pelo menos. Não havia pão, não havia sequer couves para o caldo. Não o fascinava a ideia de roubar, que o roubar é peccado.

Que fazer, pois?

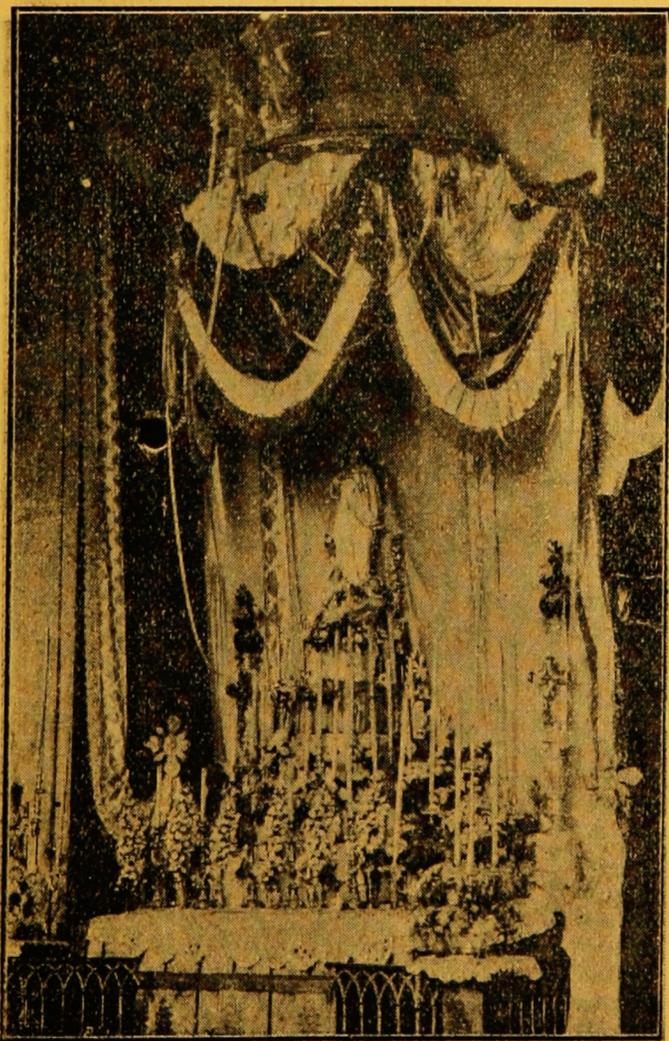
Velava por elle a amorosa Providencia.

De tão triste que andava, o rosto ia-se-lhe escaveirando, os olhos indicavam sofrer, e lagrimas como punhos lhe rolavam pela face; as barbas por fazer, mal tratado de roupa, e sem meias...

Almas cynicas, que sempre as ha, e por vezes são bom instrumento em mãos de Deus, fizeram correr pelo sitio a ballela de que o João tambem andava com suas traças de abalar para o Brazil, mettendo os filhios na roda, e deixando a tia ao Deus-dará.



BRAGA—Um aspecto da ornamentação do salão nobre da Juventude Catholica para a festa em honra da Virgem no dia 8 de dezembro



BRAGA—O altar da Virgem na festividade realisada no dia 8 do corrente na capella de Santa Thereza

—Pobre do homem! — exclamou uma das linguaeiras. Parece que nem come pão nem farinha.

—Não sei, replicava outra, como elle tem coragem de deixar a tia, que tanto o apapariou e lhe fez bem em pequeno.

—Ora o que a visinha pensa! Isto gente nova, mal se vê servida o que quer é liberdade, e fazer o que elles quizerem.

Se a grammatica d'estes paleios soffria tratos, não menos lesada ficava a caridade. Nunca João sonhara em debandar, atirar com os filhos para a roda, e metter-se de viagem para o Brazil. Não era tão sem coração como o faziam as más linguas.

Mas o falso testemunho, aliás desculpavel, teve seus dares de boa acção, porque echoou por toda a aldeia, e na aldeia ainda reverdecia a mimosa flôr da caridade, e ainda corações palpitavam de santos e pundonorosos sentimentos.

—Pois é o que lhe digo, sr. Gervasio. O homem anda que parece tirado d'uma cova. Nem que lhe botassem mau olhado.

—Ora, rapariga, que queres tu que eu lhe faça? Que se arranje.

—Coitado! A uns guarda-os Deus, a outros manda-os guardar.

Pomos a cabeça n'um cepo em como esta é uma parte do dialogo que a velha creada do sr. Gervasio, que elle por piada e gracejo chamava rapariga, abriu e manteve com certo brilho oratorio, diga-se a verdade, com o dito sr. Gervasio.

O que eu não disse, mas o leitor é capaz de advinhar, é que o dialogo reatou-se n'outras occasiões; e tanto a creada bateu na bigorna, que

o João foi um dia chamado ao quarto do sr. Gervasio.

—Dizem-me que te appareceu feição?—disse-lhe logo á queima-roupa.

—Oh! senhor Gervasio!—soluçou o infeliz.



Conselheiro Manuel Ignacio d'Amorim Novaes Leite, antigo governador civil de Braga e proprietario da Casa da Quinta, em Barcellos, com sua ex.^{ma} esposa

—Mas dize-me cá: que fazes tu ao que ganhas?

—O que ganho?

—Sim. Mais ou menos, tu fazes todos dias alguma coisa.

Ora a grande coisa! Vou co'as rezas, e ganho um pataco por dia; e isto para quatro boccas não chega a meia missa.

—Pois bem, A Euphrasia tanto me martellou pr'ahi o bicho do ouvido a teu respeito, que estou resolvido a metter-te cá, agora durante o inverno.

—Muito obrigado, sr. Gervasio. Mas será serviço que eu saiba fazer?

—Cortar o bagaço e refinar a aguardente. Depois tambem é preciso *arreloar* umas carvalhas...

—Sim senhor: sim, senhor. Como a senhora minha tia vae ficar contente!

—É tu queres ganhar muito?

—Oh! patrão! Isso é lá o que vossa senhoria me quizer dar.

—Então vae pr'a casa, e vem já amanhã de madrugada, ouviste?

—Cá me terá, e muito obrigado.

O sr. Gervasio era bom, apesar dos seus repentés e das suas facecias, que por vezes acirravam a *bilis* d'aquelles a quem as endereçava.

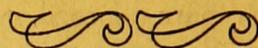
João deu-se admiravelmente com o seu novo modo de vida e o patrão dava-lhe licença de ir todas as noites ver os filhinhos, e os dias santos até

os passava com elles desde pela manhã até á noite. Era feliz; uma coisa porém tinha, por assim dizer, atrancada no coração: — era não receber carta nem noticia do tio, do Brazil. — Aquillo, dizia comsigo, não fez caso da gente, porque se acha bem e não lhe falta nada. Se elle soubesse o que é ser pobre... não fazia assim, não.—É este pensamento aviva-se mais quando via a tia, quando abraçava os filhos... até houve occasiões em que chorou apertando o mais velho, que era afillhado do ingrato *brazileiro*. Mesmo, porém, n'estas lagrimas era feliz, porque ao menos tinha a certeza de que aos filhos não faltava nada, nem pão, nem roupa, nem feijões nem couves para o caldo de todos os dias.

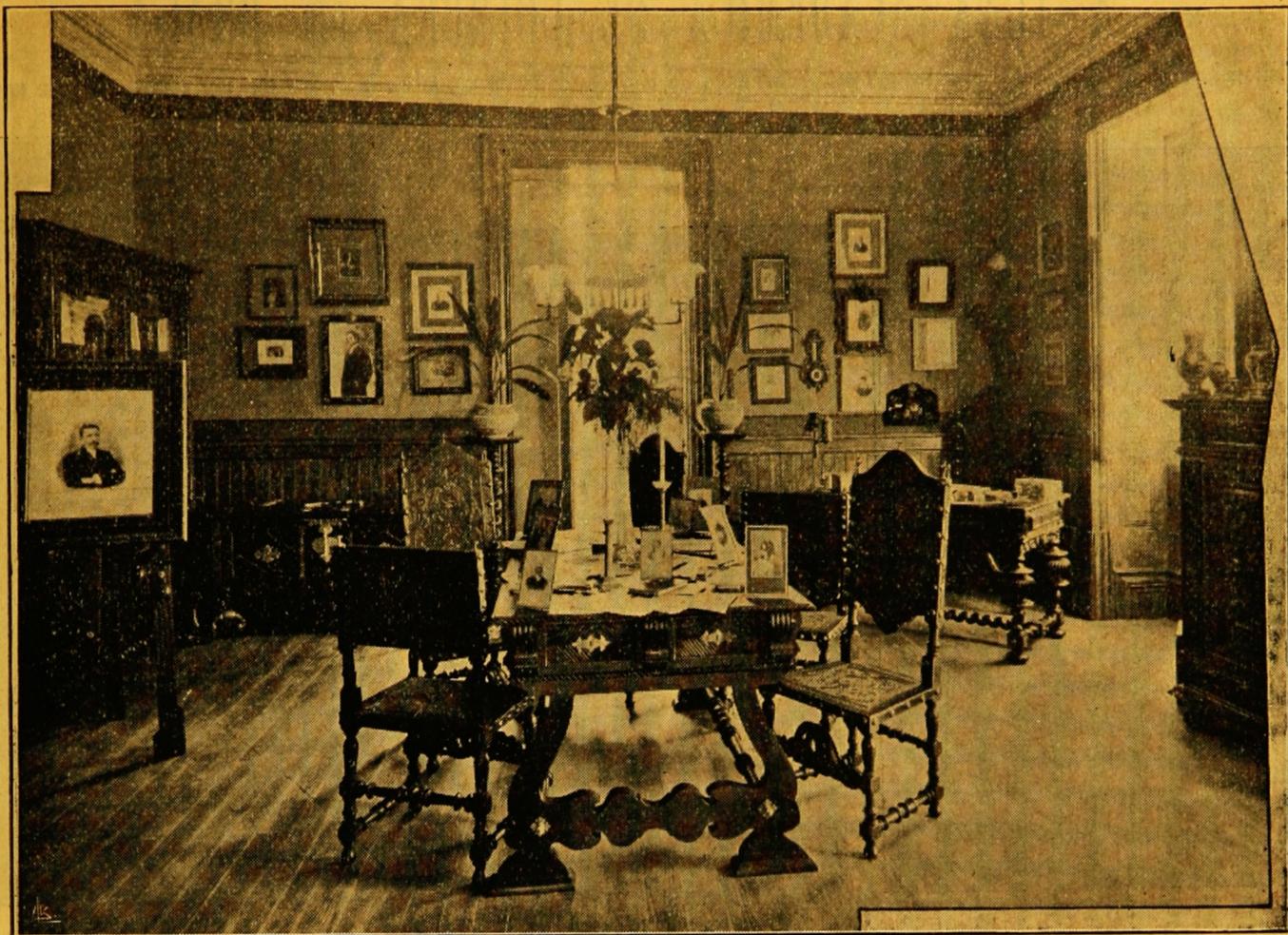
Um dia deram no sr. Gervasio uns ataques, mais fortes, de figado, doença que trazia desde os trinta annos. Passou-se ao Gerez, mas foi aquella a ultima cura d'aguas que elle fez ao combalido e gangrenado figado. Alli mesmo, em meio d'aquella agreste serrania, lhe entoaram o derradeiro *de profundis*.

(Continúa)

S. Azevedo.



Sala de inverno da Casa da Quinta



BARCELLOS — Escriptorio e Sala de jantar da Casa da Quinta

(Clichés do dist. phot. snr. A. Soucasaux)

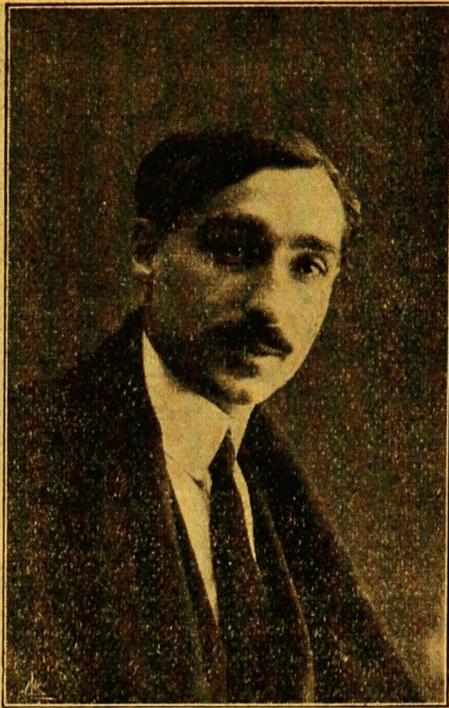
A TUNA ACADEMICA DE COIMBRA em BRAGA

Visitou ha dias esta cidade a excellente Tuna Academica da Universidade de Coimbra que veio dar um espectaculo de caridade em beneficio de estudantes pobres. Teve uma recepção muito affectuosa.



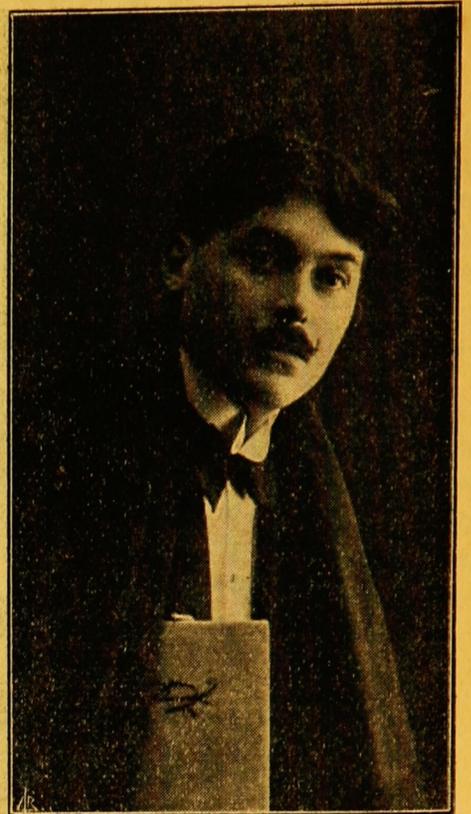
Alberto Cruz

Presidente da Assembleia Geral e delegado da Tuna Academica em Braga



Alberto F. Carreira

Secretario da Direcção



Sebastião Pereira

Um dos delegados da Tuna Academica



A Tuna Academica

No dia da Immaculada Conceição

(Anno tragico de 1914)

Como o sol que n'um vidro da janella
Entra e sahe com o mesmo puro brilho,
Assim Deus no teu seio se revella,
E gêra um outro sol, gêra teu Filho.

E' o pastor que a ovelhinha leva ao trilho!
Nunca apaga a candeia que inda vela!
Nunca pisa a folhinha que amarella!
Jamais quebra canninha que tem milho!

Nem a pisou o humilde e a flor caída!...
Mas no entanto, ó Mãe doce e enternecida,
Morto viste o teu filho, ó dor cruel...

E agora no *actual massacre*, enxulo
Não fica o rosto teu. Trajas de luto
—Ah, sorri hoje, ó palida Rachel!...

A VIRGEM DO PRESEPIO

Entre as glorias das nuvens triumphaes,
Tu que adoras a Virgem n'um retabulo,
Vê-a agora n'um pobre e velho estabulo,
Entre as aves e humildes animaes.

Não se encontram alli pompas reaes,
Mas só algum cajado, algum venabulo,
A vacca e a jumentinha no seu pabulo,
Branças pombas noivando nos beirae.

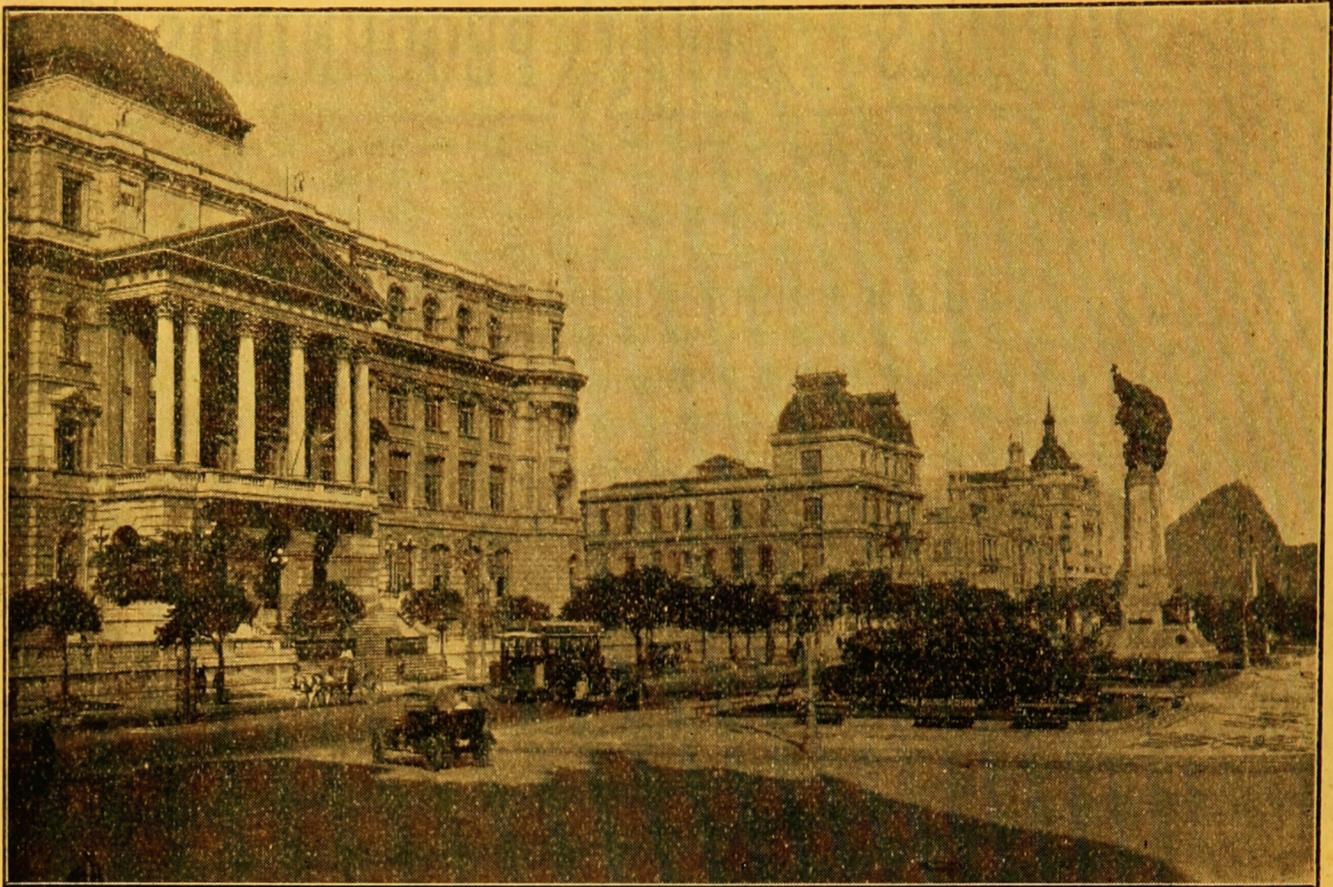
O' Rainha das valsas *do bom tom*
Que no throno imperaes do *cotillon*
ou do *tango* e que odiaes coisas mesquinhas...

Vinde ver como a Virgem, sorridente,
Compõe um berço perfumado e quente,
Com simples flores, com triviaes palhinhas!

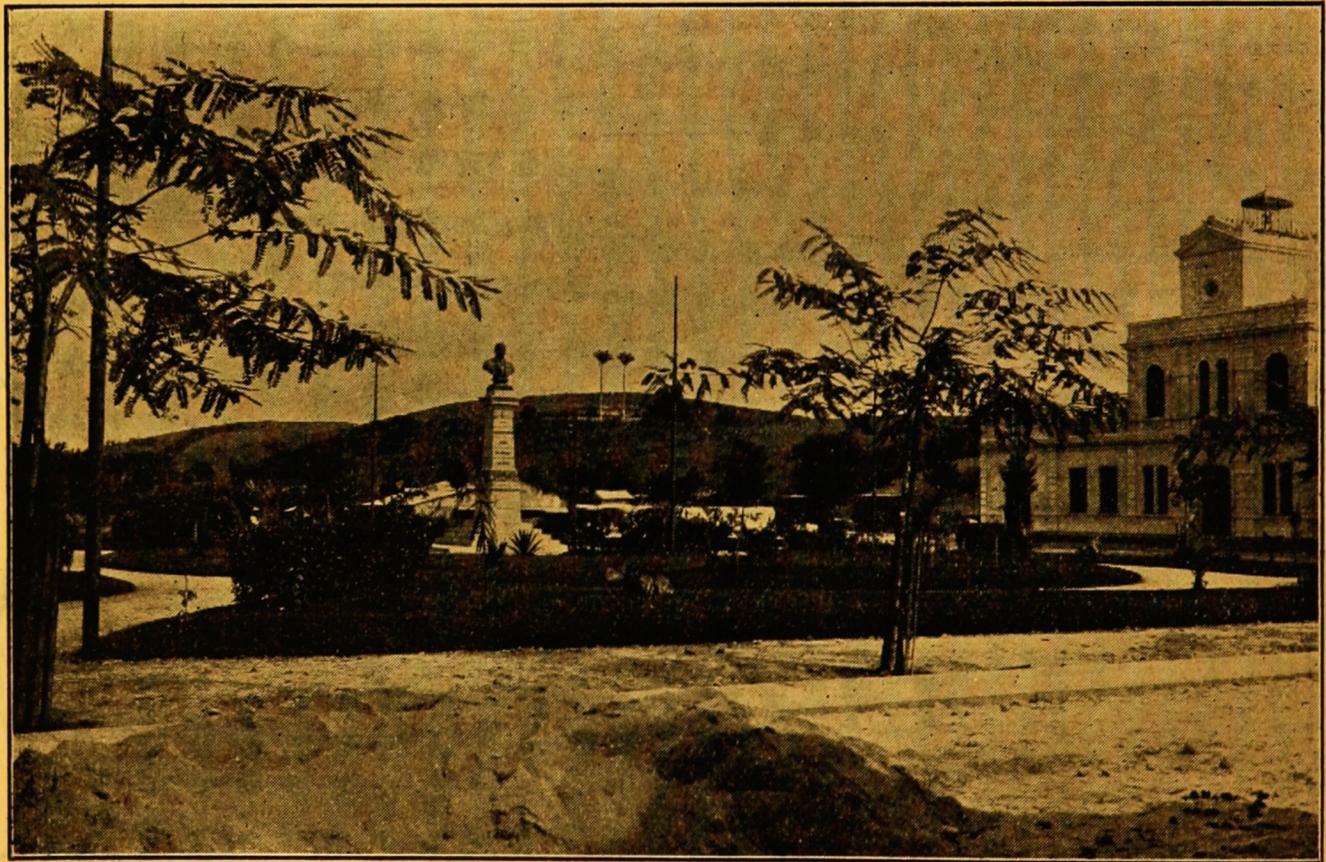
Cascaes, 19-12-1914

Gomes Leal.

A "Ilustração Catholica,, no Brazil



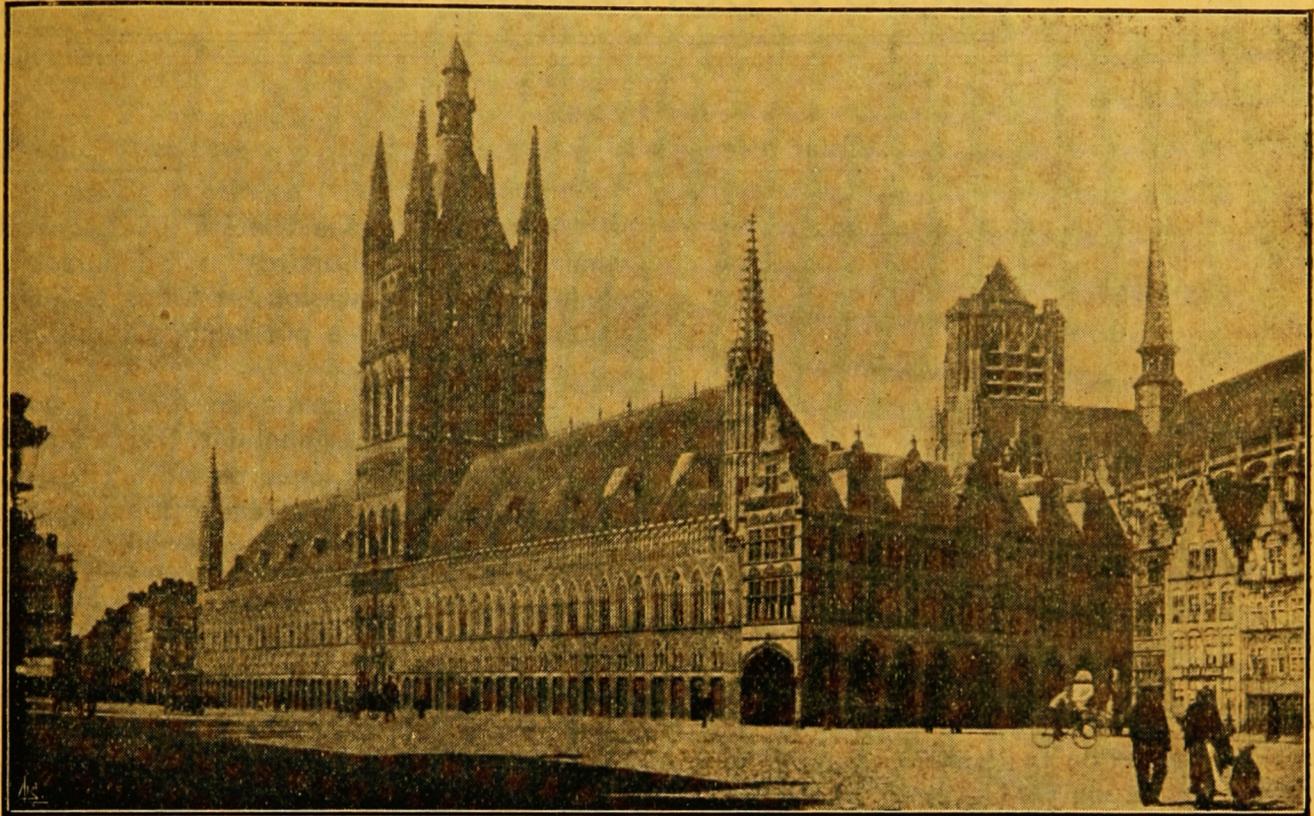
RIO DE JANEIRO — Um trecho da Avenida Central. Vendo-se os edificios da Bibliotheca Nacional, Supremo Tribunal Federal e o Club Militar



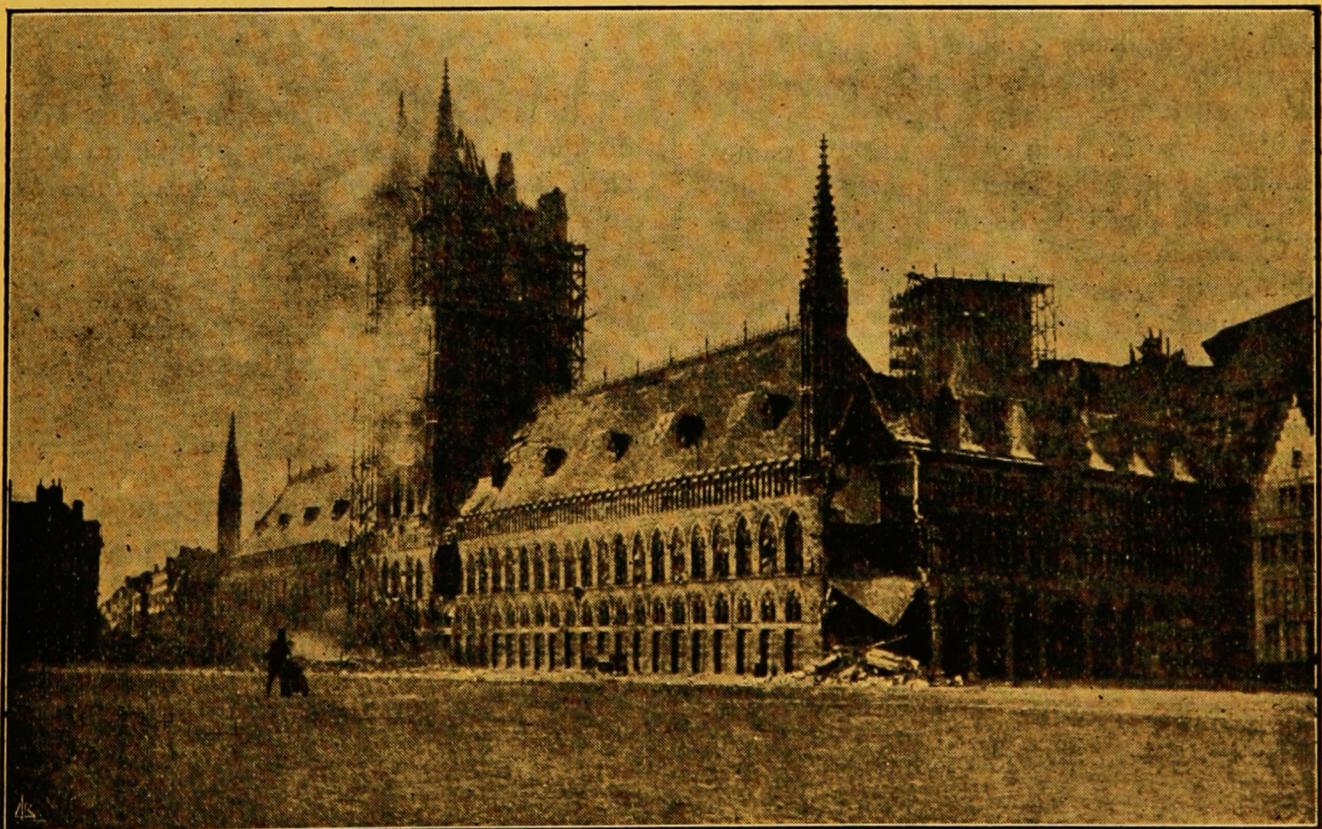
VALENÇA (Estado do Rio) — Praça do Dr. Paulo Frontin

(Clichés do snr. José Carvalho, phot. do «Jornal do Commercio»)

A Guerra Europeia



Fachada principal e torre da Camara Municipal de Ypres, uma das principaes glorias da architectura belga



O edificio da Camara Municipal de Ypres incendiado depois do bombardeamento feito pelos allemães

Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos



salvação da patria, ameaçada de inimigos fortes e implacaveis, obrigou os lacedemonios a violar a lei fundamental.

O rei Agesilau deu esta satisfação ao povo inquieto:

—Hoje durma a lei e amanhã torne a vigorar.

E, Cicero, accusado no Senado de haver desprezado a lei, respondeu:

—Se offendi a lei foi para salvar a republica.

Violar a lei

Lord Palmerston

A proposito d'uns festejos que se realizavam na cidade de Londres, um deputado perguntou a lord Palmerston, se todos os habitantes eram obrigados a pôr luminarias. O ministro respondeu:

—Cada um é senhor de fazer o que lhe dictarem as suas sympathias, ou antipathias, mas é muito provavel que os vidraceiros e vendedores de lanternas excitem a populaça a quebrar as vidraças das casas que não estiverem illuminadas.

Marquez del Carpio

O marquez del Carpio, vice-rei de Napoles, estando um dia n'uma egreja de Madrid, offereceu agua benta a uma dama que em mão muito feia trazia uma rica pulseira de brilhantes. E, como mais galanteador, disse-lhe:

—Antes queria a algema do que a mão.

A dama, pegando n'um colar que o marquez trazia ao pescoço, respondeu promptamente:

—E eu antes queria o cabresto que o dono.

* * *

E' melhor dar sentença entre dois inimigos do que entre dois amigos, porque no primeiro caso ganha-se um amigo e no segundo ganha-se um inimigo.—*Braz*

O varão discreto deve guardar esta regra para si: "O meu segredo só para mim..." —*S. Bernardo.*

A honra da mulher comparo eu á conta de algarismos: tanta erra quem errou em um como quem errou em mil. Façam as honradas boas contas, que acharão esta conta certa. —*D. Francisco Manuel de Mello.*

De quatro mães muito formosas nascem quatro filhas muito feias: da verdade nasce o odio, da prosperidade a soberba, da familiaridade o desprezo, da segurança o perigo. —*Periandro.*

TITO FLAVIO.

Soldado covarde

O famoso D. Luiz de Athayde, conde de Athouguia e vice-rei da India, não consentiu que lhe beijasse a mão um soldado que se escondera quando os mais combatiam.

—Tirae-vos lá, ide beijar a vossa mãe.

Testamento novo

Quiz uma senhora de muitos haveres, desenganada dos medicos, confessar-se ao padre Jeronymo Ribeiro, tido na Companhia de Jesus por varão douto.

Ao abeirar-se do leito perguntou o jesuita á moribunda se já tinha feito testamento.

—Sim, meu padre, e deixo todos os meus bens á Companhia.

Sabia o confessor que ella tinha irmãs pobres e persuadiu-a a fazer outro testamento, levando toda a fazenda aos parentes que viviam humildemente. Perguntou alguém ao padre Ribeiro porque dera semelhante conselho, que privou a Companhia de Jesus d'um grande legado, e elle respondeu:

—Porque entendi que aquella mulher se não podia salvar no Testamento velho, mas sim no Testamento novo.

Os grandes

Sancho de Souza dizia dos grandes:

*Dae-os ao demo, que são
Agua de São João,
Que tira vinho
E não dá pão.*